

SOFRIMENTO E ATUALIDADE: novas formas de olhar para o adoecimento psíquico

Diogo Danilo Lima Santos ¹
Marcelo da Silva Fernandes ²
Wanny Safira Assunção Rabelo ³
Dannilo Jorge Escorcio Halabe ⁴

¹ Psicólogo Clínico, São Luís-MA.

² Psicólogo, Psicanalista e Especialista em Psicologia Clínica, São Luís-MA.

³ Psicóloga Pós-graduada em Psicologia Existencial Fenomenológica, São Luís-MA.

⁴ Doutor (PUC-SP), Docente da Faculdade Edufor, São Luís-MA.

Recebido em: 10/02/2025 - Aprovado em: 10/04/2025 - doi.org/10.70353/edufor.v3n1.011

RESUMO

INTRODUÇÃO: O sofrimento psíquico na atualidade representa uma característica de pessoas que não se encaixam em um mundo acelerado, rápido, esquecido. Dessa forma, procurou-se evidenciar neste trabalho as formas que os sofrimentos se apresentam no mundo contemporâneo, levando em conta o contexto em que vivemos. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Para isso, buscamos referenciais teóricos psicanalíticos e existenciais-fenomenológicos para ampliar o escopo do debate e trazer à tona as nuances da nossa época, pois a modernidade compreendeu um intenso processo de ruptura com os contextos históricos anteriores, tendo em vista que ocorreu as crescentes ideias iluministas, associadas nas transformações do capitalismo e revolução industrial. **RESULTADOS:** Tais ideais inauguraram um efervescente movimento centrado na ciência e racionalidade do sujeito, proporcionando a valorização do ser humano e o tornando responsável por seu destino e escolhas. **CONCLUSÃO:** Entretanto, o que vemos na atualidade é um afastamento da responsabilização do sujeito, tentando afastar este do sofrimento e lançando em mundo sem segurança simbólica, onde o imperativo da felicidade e da produção é que comandam.

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento. Contemporaneidade. Adoecimento Psíquico. Psicanálise. Existencialismo.

SUFFERING AND ACTUALITY: new ways of looking at psychological illness

ABSTRACT

INTRODUCTION: Psychic suffering today is a characteristic of people who don't fit into a fast-paced, quick, forgetful world. In this way, we have tried to highlight the ways in which suffering presents itself in the contemporary world, taking into account the context in which we live. **MATERIALS AND METHODS:** To this end, we sought psychoanalytic and existential-phenomenological theoretical references to broaden the scope of the debate and bring to light the nuances of our time, since modernity comprised an intense process of rupture with previous historical contexts, given the growing Enlightenment ideas associated with the transformations of capitalism and the industrial revolution. **RESULTS:** These ideals ushered in an effervescent movement centered on science and the rationality of the subject, valuing human beings and making them responsible for their destiny and choices. **CONCLUSION:** However, what we see today is a move away from the subject's responsibility, trying to distance them from suffering and launching them into a world without symbolic security, where the imperative of happiness and production is in charge.

KEYWORDS: Suffering. Contemporaneity. Psychic Illness. Psychoanalysis. Existentialism.

INTRODUÇÃO

O sofrimento psíquico sempre esteve presente na história da humanidade e em cada época houve uma visão que fomentou as maneiras de lidar com esta questão. O sofrimento se estabelece como uma forma diferente em cada cultura e esta organiza modos de ser e estar no mundo, tendo em vista que esse fenômeno se apresenta em um processo histórico guiado por discursos que levam a diagnósticos especulares para designar uma espécie de *zeitgeist* (espírito da época).

De acordo com Furtado (2014), se faz necessário uma localização sobre o sofrimento para que possamos tentar entender a perspectiva lançada para o modo como o homem sofre, as formas de seu sofrimento e suas possibilidades para lidar com o mesmo. Tendo isso em vista, a contemporaneidade nos traz diversos paradigmas sobre essa perspectiva do sofrer e os modos como estamos caminhando para lidar com isso, já que o mundo atual é marcado por intolerância, liquidez, medo da morte, medicalização, respostas genéricas e imediatas, um mundo do trabalho onde a atividade laboral está cada vez mais esgotada de sentido, tecnologias, etc., que nos levam a vivenciar o sofrimento como algo que deve ser controlado, afastado e distanciado do ser, ao passo que não dar espaço para o sofrimento se torna um dos principais motivos para que este permaneça.

Um paradoxo curioso que se apresenta é que quanto mais deixamos de lado o sofrimento mais ele parece se mostrar presente em formas de diferentes nos sintomas da atualidade, sintomas esses que atendem um conjunto diagnóstico que se mostram como formas nomeadas nos manuais de transtornos que levam a equívocos e discursos generalizados e vazios. Será que os sofrimentos nomeados como doenças não seriam uma consequência das relações que estabelecemos com os discursos do nosso tempo?

É importante se perguntar por que depressão e ansiedade, que geralmente são antagônicas em termos orgânicos, se tornaram tão evidentes no mundo contemporâneo. Aliás, as estatísticas da Organizacional Mundial de Saúde (WHO, 2022), no *World mental health report: transforming mental health for all*, mostram que esses modos de sofrimento tendem a se intensificar na próxima época; é difícil pensar em uma adaptação em um mundo que nos promete um abismo da felicidade sem felicidade qualquer.

Durante todo o contexto histórico o sofrimento psíquico teve suas peculiaridades e significados, pois em cada época existiu referências próprias e diferentes perspectivas acerca desse tipo de fenômeno. Em algumas passagens históricas é possível perceber crenças religiosas, castigo de deuses, possessão demoníaca, dentre outras definições na tentativa de compreender tal angústia (Ceccarelli, 2005).

Segundo Ceccarelli (2005), cada época teve sua psicopatologia específica, ou tentativas de fragmentação desse sofrimento psíquico em seus elementos de base, para a partir disso se tentar a compreensão e possíveis estudos dessa estrutura. Neste sentido, é possível observar várias explicações durante o contexto histórico, tendo em vista suas variadas formas.

No período pré-socrático, acreditava-se que o sofrimento psíquico tinha uma explicação cósmica e que se originava por castigo dos deuses, em que o ser humano não detinha escolha individual em suas vivências nem responsabilidade perante sua “loucura”, sendo o grande responsável por tais angústias o deus Zeus, ou seja, a loucura resultaria da “impossibilidade de escolha individual nos conflitos entre paixões, lealdades e deveres impostos pelo destino” (Ceccarelli, 2005, p. 472).

Na Grécia antiga, o sofrimento tinha o papel de edificador dos problemas humanos, ou seja, eram quase formas de ensinamento sobre a vida. Isso é bem perceptível nas tragédias

gregas, onde os personagens passam por batalhas que levam sua vida ao extremo, no qual geram aprendizados para levar uma vida plena. [...] “o sofrimento que transforma, educa e torna alguém um herói trágico é um páthos, e isso significa que é um acontecimento que toca tanto o corpo quanto a alma” (Dunker, 2021, p. 17).

Um páthos pode ser curado por uma experiência homeopática, ou seja, de textura equivalente ou semelhante, por uma experiência catártica, ou seja, purificação ou extirpação, ou por uma experiência estética, que corrige ou introduz uma modificação na forma como somos afetados. Percebe-se que estamos falando em cura em um sentido substancialmente diferente do que encontramos hoje na medicina, e ainda que Freud tenha começado seus experimentos terapêuticos pela catarse ou ab-reação dos afetos retidos, ele inaugura a psicanálise ao se afastar desta (Dunker, 2021, p.17).

No decorrer do tempo percebe-se que esta explicação mística de deuses durante a antiguidade perde a credibilidade, e passa a ser entendido de forma racional, não mais por deuses, e sim por questões envolvidas ao orgânico do ser humano. De acordo com Cherubini (2006), Hipócrates que é considerado o pai da medicina, trouxe a explicação de que o sofrimento psíquico seria uma desregulação cerebral nas funções humorais, que afetavam os sentidos e percepções sensoriais; a doença era vista como uma expressão do cérebro acometido por uma substância estranha (Mattar, 2020).

Já na era medieval o sofrimento psíquico passa a ser interpretado por questões religiosas, em que o sujeito acarretado por alguma angústia estava sendo possuído por manifestações demoníacas, visto que nesta época a igreja detinha o poder e movimentações religiosas eram influentes (Furtado, 2014).

O sofrimento se institui no Cristianismo como um meio purificador do amor misericordioso. A história dos santos, dos personagens notáveis por suas bondades, está repleta de exemplos do modo como o homem sai engrandecido, renovado e mais forte de uma dificuldade extrema que parecia capaz de abatê-lo para sempre. O sofrimento possui aqui um sentido de engrandecimento (Furtado, 2014, p. 22).

Percebe-se que essa explicação que Hipócrates começa a formular, é bem parecida com muitas definições que vemos na contemporaneidade em relação a diversos tipos de sofrimento - como transtornos mentais. Atualmente é visto que a maioria das explicações que tentam abarcar o sofrimento parte de um pressuposto psicopatológico que logo se liga a um tipo de transtorno listado em algum manual de psiquiatria ou psicologia.

Sendo assim, esta relação de sofrimento psíquico associada pela religião não se sustenta por muito tempo, e durante os séculos XV e XVII trouxe-se novamente as ideias de Hipócrates, com as noções de Platão, e juntamente com a influência de Galeno ganham importantes espaços; as ideias de Galeno passaram a considerar as questões psicológicas em relação ao sofrimento psíquico (Ceccarelli, 2005). O estudo do adoecimento psíquico se concentra agora no próprio homem e em sua natureza (Mattar, 2020).

O progresso da técnica, surgido com a medicina moderna, possibilitou novas formas de vida para o ser humano, onde era almejado uma vida mais longa e com menos sofrimento, na qual o ser humano começava a desafiar as leis da natureza e buscava um novo estilo de vida que pudesse lhe possibilitar apenas felicidade, fugindo de qualquer dor ou sofrimento (Furtado, 2014).

O saber médico predomina e se desenvolve até os meados do século XIX, promovendo diversas formas de tratamento e de classificação do que seria uma desordem psicológica. Baseados no modelo cartesiano na dualidade corpo-mente o esforço agora se concentra na observação da sintomatologia da doença e prioriza-se pelo isolamento e fragmentação para melhor conhecer o objeto. O ser humano agora é visto como uma máquina complexa e imperfeita que precisa da manutenção através de um especialista, constituindo assim as bases do modelo biomédico (Araújo, 2010).

Nesse contexto um jovem vienense neurologista, Sigmund Freud (1856-1939), abandona o saber médico vigente que presava por uma anatomopatologia do sofrimento para investigar o fenômeno da paralisia histérica predominante em sua época, ao qual o saber médico tradicional não conseguia dar conta. Freud descobriu, através de sua experiência clínica, a psicanálise, que propôs uma mudança radical para a forma de olhar o sofrimento humano e também contribuiu na expansão de questões do que poderia levar o indivíduo ao adoecimento em uma época onde as condições de existência se mostram mais abundantes, ou seja, Freud traz a perspectiva de um sujeito histórico e não apenas de um objeto a ser estudado (Araújo, 2010).

O que intriga o médico vienense é saber por que, quando tudo parece melhor do ponto de vista do progresso e das relações, o homem adocece, sofre, está infeliz e insatisfeito. O que traz infelicidade, quando a vida se tornou mais fácil, quando estamos cercados de utilidade, ordem, beleza, limpeza? (Mattar, 2020, p.35).

Quer dizer, essas perguntas se fazem pertinentes porque o ser humano é atravessado de sentimentos que acabam escapando pelas mãos, onde nunca parecemos estar satisfeitos com o que temos ou podemos ter. Articular esses desejos é o que parece mais difícil em nossa existência.

MATERIAL E MÉTODOS

A questão da técnica comparece no pensamento Heideggeriano como parte de sua analítica ontológica-existencial que fundamenta a crítica ao modelo metafísico do pensar sobre o ser e seus desdobramentos. Heidegger retorna ao pensamento de Aristóteles na tentativa de discutir as bases da tradição metafísica que sustenta o pensar filosófico atual, propondo assim uma volta as “coisas mesmas”.

Segundo Cocco (2006), o pensador alemão identificou que a construção da metafísica ou filosofia culminou numa convenção do ser ao ente. O ser encontrado na tradição é posto como um conceito geral e vago e não explica o fundamento dos modos de ser. Heidegger se ocupa então de (ré) colocar a questão, perguntado não sobre o que é, mas o que possibilita o sentido do ser.

A metafísica reduziu o ser do ente à certeza da representação e à vontade de controle como vontade do sujeito de reduzir tudo a si mesmo. É pensamento que, mesmo ao pôr o problema do ser, o esquece imediatamente e se limita a considerar a simples supremacia do ente. Desaparecida a diferença ontológica e reduzindo o ente a um sistema universal de fundação regido pelo princípio de razão suficiente, já não fica nenhum ente realmente oculto. Tudo é conhecido ou, pelo menos, conhecido em sua mostração por intermédio dos métodos racionais (de fundar e explicar) da ciência e da técnica moderna (Cocco, 2006, p.04).

Dessa maneira, a história sobre o desenvolvimento da técnica é também a história sobre esquecimento do ente e o ser deste ente. Todavia, esse esquecimento não se dá na esfera do “não lembrar” e sim numa espécie de esvaziamento, de obscurecimento, de velamento, pois na tradição o ser se tornou um “conceito abstrato que nada diz” (Lira; Kubruskly, 2018).

Pode-se observar a consolidação desse modo de pensar na constatação de Descartes, no século XVII, na máxima do “cogito, ergo sum”. Nessa enunciação o que está em questão seria aquilo que é real e os critérios no qual se define o real, ou seja, aquilo que é constatável, analisável, representável e tão logo verdadeiro. Nesse caso, o ser é convertido naquele que pensa, no sujeito que anuncia, no ente, no homem enquanto medida, a substância sui gênese

para definir aquilo que é real ou não (Crespo, 2017). O homem da contemporaneidade é aquele que posiciona o mundo e não mais o que está no mundo, em jogo. Este homem, que é o fundamento e o centro, esquece-se enquanto mais uma força constituinte no mundo e se torna um “centro de gravidade” que reúne tudo previamente em torno de si (Goulart, 2021).

Esse modo de pensar e apreender a realidade se desdobra em uma série de práticas que carregam em si diversas características e assumem a supremacia perante os outros saberes. A relação sujeito-objeto, onde existe um dominador e que todas as outras coisas serão dominadas e transformadas é o modo no qual se estabelece o homem no mundo na contemporaneidade, logo ele se esquece que, o próprio homem, também é sujeito e objeto, e daí decorre uma problemática para essa forma de exploração de mundo, sendo que o cientista (o homem) é também aquilo que deve ser entendido, explorado e enclausurado em conceitos (objeto ou recurso) (Crespo, 2017).

Sendo assim, o sentido orientador da contemporaneidade é a tecnocracia e esta, por sua vez, fundamenta os modos de ser no qual o Ser-aí (Dasein) se mostra. A técnica contemporânea comparece enquanto tecnologia, essa tecnologia como modo de apreensão da realidade é também o nosso modo de ser-no-mundo, nossa circunstância, ou seja, o modo no qual somos tomados e determinados (Crespo, 2017).

Em sua investigação, Heidegger afirma que a essência da técnica não tem nada de técnico, esclarecendo que não se deve confundir sua essência com os instrumentos pelo qual ela se realiza (Nascimento, 2022). Para o filósofo a técnica como meio para um fim é um equívoco, mas não incorreta. Todavia, é importante alertar que esse modo instrumental é apenas um dos modos de ser da técnica, entificado pela tradição, que não contempla sua essência.

Os antigos gregos descreveram quatro causas instrumentais que fundaram a técnica enquanto meio: 1) material, que se refere a matéria prima pelo qual um objeto é feito; 2) formal, referente a figura ou forma em que se insere o material; 3) causa eficiente, diz de como esse instrumento será utilizado; e 4) causa final, que se refere a finalidade, realização (Goulart, 2021), estas quatro maneiras despertaram em Heidegger uma curiosidade sobre a técnica e suas nuances.

Heidegger, ao pôr essa questão em voga, buscou conhecer a essência da própria causalidade, ou seja, o modo pelo qual os modos de ocasionamento articulam-se entre si, para além da instrumentalidade da causa e efeito, fazendo com que algo surja, emerja, apareça. Dessa maneira torna-se evidente que a essência da técnica está em uma articulação no qual o produzir (poiéses) se aproxima daquilo que os gregos nomearam de Alétheia, que “refere-se a um desabrigar, um desvelar, e esse desabrigar está na essência do produzir, e, portanto, da técnica” (Goulart, 2021, p. 22).

Esse produzir envolve uma articulação tanto daquilo que se desenvolve na natureza, da habilidade do artesão e pela arte. E, nesse sentido, ao perguntar sobre a essência da técnica, Heidegger prepara um caminho para uma relação mais livre com ela (Mattar, 2020). Pode-se dizer que a techné para os gregos manifesta um sentido de co-participação, pela qual a ação humana está em harmonia com a verdade (alétheia), enquanto a moderna está voltada para com-posição (Ge-stell) pela qual a ação e o fazer do homem provoca, solicita e explora a natureza (Mattar, 2020).

Desse modo, o homem se encontra nessa abertura marcada pelo pensamento calculante, produtividade desenfreada, necessidade de controle, perpassado pela instrumentalidade enquanto método, pelo tédio enquanto atmosfera epocal e a compulsão enquanto ritmo que dita nossos modos de ser e estar no mundo (Goulart, 2021). A natureza e o próprio homem são tomados enquanto recursos disponíveis prontos para serem conhecidos e

explorados. A técnica moderna possui uma dimensão dominante de impor a natureza à função indefinida de fornecimento de energia.

Heidegger aponta que este horizonte no qual o regime de verdade é pautado na racionalidade técnico-científica, no qual o homem vive incessantemente em busca de ordem, controle e generalização dos modos de ser, é marcado pelo fenômeno do desenraizamento do solo do pensamento, que diz sobre a perda do pensamento do sentido do ser dos entes, obscurecido pela cotidianidade mediana, onde o mundo se torna superficial, desenraizado e desprovido de meditação. Desse modo, o homem encontra-se e em um mundo planejado, desprovido de reflexão, esse mundo sem o pensamento que medita e demora é um mundo totalmente sem profundidade, onde o sujeito, embebido pela lógica tecnocêntrica, se torna um sujeito, descrito por Michel Foucault, como dócil e produtivo (Goulart, 2021).

Este mundo nivelado de sentido também pode ser entendido pelas óticas do filósofo Byung-Chul Han (2017) como o mundo do igual, onde o homem se encontra numa dinâmica de exploração de si mesmo, impulsionado por uma positividade tóxica na qual a ausência de alteridade proporciona a falta de contato com o diferente ou negativo. Na sociedade do igual, a crescente posituação da existência enfraquece o contato com os fenômenos da negatividade, sentimentos como angústia e luto estão sendo soterrados pela constante pressa em maximizar o desempenho, pois os fenômenos da negatividade nos colocam diante de nossa condição mais originária e requer reflexão e meditação, diferentemente da abertura de mundo que se constitui a sociedade moderna.

Essa atmosfera, que pode ser entendida como uma espécie de amarração ou arranjo pela qual o homem é agenciado e submetido, cerceia um modo de desvelamento onde todo mal-estar advindo dessa abertura de mundo é diagnosticada, catalogada, controlada e silenciada. Não há espaços para “falhas”, tudo é meticulosamente conhecido e nomeado. O ser-aí é impelido a participar do desocultamento pelo modo da extração, onde a vigência do tédio profundo é obstaculizada e quando comparece é ligeiramente capturado pelas categorizações nosológicas, pois o tédio requer tempo para ser ouvido, mas a indiferenciação trazida por ele é tratada como doença ou desajuste, fazendo com que o homem seja vítima da sua própria tentativa de controle tudo (Mattar, 2020).

RESULTADOS E DICUSSÃO

Já 1890, Sigmund Freud escreve um texto chamado “tratamento psíquico (tratamento anímico)”, onde ele sintetiza questões relacionadas ao sofrimento humano para além do biológico, levantando questões voltadas a alma, mas não a alma entendida no sentido religioso da coisa, mas querendo dizer que mente e corpo não podiam ser dissociados, que era necessária uma atenção a mais nesses processos que tratavam do sofrimento humano (Freud, 2021).

Freud se diferencia de Descartes justamente nessas questões, pois Descartes no início na modernidade e do iluminismo, fez uma separação entre mente e corpo que permitiu estabelecer uma ontologia sobre o pensar, como uma forma de objetivar o sujeito dentro de uma perspectiva mais racionalista, na qual o sujeito deveria saber controlar seus desejos. Dessa forma, é Freud quem subverte o entendimento de indivíduo para alguém inacabado, indeterminado, que não se completa e nem mesmo pode ter controle de si mesmo, inaugurando a ideia de inconsciente (Furtado, 2014).

O período moderno configurou-se marcado de muitas transformações sociais, físicas, culturais e intelectuais, e tais modos possibilitaram a constituição da identidade individual centrada em um Ser racional, criativo e pensante, e em consequência disso, a subjetividade

estava inerentemente sendo construída pelos modelos e normas sociais modernas (Bauman, 2001).

Nessa perspectiva Freud inaugura uma visão mais ampla, sobre o sofrimento humano e não apenas um olhar reducionista, classificatório e nosológico, constituindo um esboço de uma análise voltada para cultura e todo seu processo constitucional para então compreender melhor as desordens apresentadas pelos pacientes de sua época (Araújo, 2010).

Freud descobriu que o homem, ao optar pelo pacto social e institucional, renuncia parte do seu prazer em troca de segurança, todavia essa energia represada se volta para o próprio ego sob forma de autocontenção e culpa introjetada. A consequência desse processo se chama neurose (Mattar, 2020). Nesse sentido, Freud nos dá uma chave de leitura para pensarmos um diagnóstico mais amplo, deslocando-se da análise do indivíduo para então compreender as questões de sua época que contribuem nos processos de subjetivação enquanto constituição do sujeito.

Freud inicia um processo de rompimento com o iluminismo e racionalismo que impacta não só a medicina, mas também as áreas de filosofia, sociologia, psicologia, antropologia, entre outros, demonstrando que o ser humano não poderia ser livre de desejos e agir apenas pela razão (Furtado, 2014). O intuito de Freud ao lançar seu livro “a interpretação dos sonhos” com a data de 1900, por exemplo, era mostrar que o século XX veria as doenças que atingiam a humanidade de uma nova perspectiva.

O ser humano traz um sofrimento psíquico, geneticamente herdado, causado pelo excesso. Freud resgata a noção grega de pathos colocando-a como ingrediente central da essência do humano, de tal forma que a particularidade da organização psíquica de cada um deve ser compreendida como uma criação singular e única para garantir a sobrevivência da espécie. Para Freud, em Neuroses de transferência: uma síntese, as neuroses, as perversões e as psicoses são modos de subjetivação encontrados pelo sujeito frente à desmedida pulsional (Ceccarelli, 2005, p. 475).

Heidegger também usa o termo esquecimento do Ser para apontar o horizonte histórico no qual nos encontramos. Segundo ele o mundo moderno se caracteriza pelo uso excessivo da técnica moderna que fomenta um prisma de que as coisas são apenas matérias-primas, fontes de energia e recursos, que devem estar disponíveis ao cálculo e ao uso (Goulart, 2021). A técnica produz vivências impessoais, produz um agir no mundo marcado pela exigência da produção desenfreada e sem finalidade, onde o tédio, cansaço, ansiedade e depressão surgem enquanto um apelo para o cuidado. Para Goulart (2021), o homem moderno não controla a técnica, mas é refém de sua essência tal qual como ela se mostra na pós-modernidade.

Diante disso, percebe-se que este Ser nesta conjuntura mesmo com as possibilidades de liberdade de escolher a qual prazer vivenciar ou se deleitar, o mesmo não pode escapar do sofrimento psíquico, pois se vê fragmentado, trazendo consigo uma identidade frágil, de um mundo atual que apresenta problemas e situações que levam o ser humano a adoecer em suas possibilidades de existir.

Na atualidade, mais do que nunca, percebemos o quanto o mundo e a cultura, de forma geral, tem influenciado diversos campos de nossa vida, seja de forma negativa ou positiva. Dessa maneira, se faz necessário pensar em como essas influências tem nos levado a perceber o sofrimento psíquico e os sintomas dos indivíduos na sociedade, haja vista as mudanças brutais da chamada “pós-modernidade” em seus âmbitos políticos e econômicos.

O sofrimento psíquico, como já abordado acima, atinge o ser humano desde que este começou a pensar e se preocupar com os problemas que assolam a humanidade. Lipovetsky (2004) diz que a nossa sociedade atual não é mais guiada por grandes discursos, como os discursos nacionalistas, os discursos dos cristãos, das revoluções, entre outros, e isso tem um impacto gigante no meio social, pois os indivíduos já não conseguem mais ter uma

interpretação global do mundo e isso gerou uma inflação de suas imagens, causando uma desordem mundial no sujeito nunca vista antes.

O ser humano da contemporaneidade vive o momento do desamparo, onde as obrigações sociais não estão mais presentes, assim deixando o individualismo em evidência e enfraquecendo o laço com os outros. Isso fez com que o simbólico entrasse em declínio (Kehl, 2002), assim se ratificando o que Lipovetsky fala sobre os grandes discursos terem cessado e assim estarmos perdidos dentro de um sistema que não entrega segurança para nós - pois os grandes símbolos já não fazem mais sentido.

O mal-estar descrito por Freud se daria por uma repressão que perdurou até meados da década de 1950. Nesse contexto o paradigma começa a mudar, o discurso que predomina na cultura é o da liberdade e com ela a sobrecarga de fazer a si mesmo, sem referências ou orientações a priori, inaugurando agora o homem dito pós-moderno sem amarras ou proibições extremas. Nesse sentido Mattar (2020), aponta, por exemplo, a mudança do sintoma da culpa que se dá agora não pela proibição do “não-poder-fazer”, mas sim pelo indivíduo não conseguir realizar-se ao máximo e indefinidamente.

O indivíduo marcado pelo discurso científico, capitalista e individualista se vê diante de imperativos pulsionais que não podem cessar, pois há todo momento existe um lugar para conhecer, algo para conhecer, comprar, estudar, produzir ou simplesmente observar, os estímulos são os mais diversos possíveis (Klajnman; Costa, 2022). Essa nova forma de viver na chamada hipermodernidade acarreta os mais diversos tipos de sofrimento psíquico possível, onde falhar é sinal de fracasso. Isto leva o sujeito para uma outra posição diante dos objetos do mundo, principalmente os objetos que se relacionam com os modos de produção.

Uma organização socioeconômica responsável pela produção e reprodução de condições materiais da vida do ser humano em uma sociedade é chamada de modo produção, e isso diz respeito a como este ser humano se estrutura de forma coletiva nas posses de riqueza e de trabalho, determinando a relação de produtos diretos e os que exploram seu trabalho (Bottomore, 1983 apud Moraes; Lacerda Júnior, 2019).

Com a revolução industrial e a ascensão do capitalismo, o ser humano passa a enxergar o mundo através de uma ótica cada vez mais voltada aos modos de produção, onde você necessita vender sua mão de obra para viver e ter minimamente uma vida digna. E com essa ascensão o tempo do ser humano ficou cada vez mais dividido e entregue a máquina da indústria, onde o este tempo passou a ser ditado pelo imperativo do seu trabalho.

Para que todas essas mudanças na organização dos processos produtivos se efetivassem foi necessário o disciplinamento do trabalho. O tempo cotidiano do trabalhador precisou se adaptar ao tempo dispendido na produção e as horas diárias da maioria das pessoas se fragmentavam, reguladas, a partir de então, pelo cálculo do tempo a ser gasto com outras necessidades básicas (Moraes; Lacerda Júnior, 2019, p. 169).

Essa mudança, quase que radical, no padrão de vida do ser humano trouxe problemáticas que estão sendo vistas na atualidade, onde de acordo com Han (2020, p. 14) “o neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador um empreendedor”, ou seja, as mudanças nas nomenclaturas ajudam a mascarar o que está por trás de uma possível exploração, o uso de uma linguagem diferente influencia como este sujeito se vê diante do mercado que o chama a produzir a todo instante. Han (2020, p. 14) continua “hoje cada um é um trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa”.

Os modos de produção do capitalismo e posteriormente do neoliberalismo alteraram toda a relação do ser humano não apenas com o trabalho, mas também suas relações consigo mesmo, como seu sofrimento, com seu modo de vida, com sua existência, com suas patologias, com seu nada, entre outros (Harvey, 2013). O novo imperativo do mercado chama

o sujeito para um modo de vida que desperta nele o sentimento de dever com o mercado, mesmo que este não esteja percebendo isso.

Nenhum modo de pensamento se torna dominante sem propor um aparato conceitual que mobilize nossas sensações e nossos instintos, nossos valores e nossos desejos, assim como as possibilidades inerentes ao mundo social que habitamos. Se bem sucedido, esse aparato conceitual se incorpora a tal ponto ao senso comum que passa a ser tido por certo e livre de questionamento. As figuras fundadoras do pensamento neoliberal consideram fundamentais os ideais políticos de dignidade humana e da liberdade individual, tornando-os como “os valores centrais da civilização”. Assim agindo, fizeram uma sábia escolha, porque esses certamente são ideais bem convincentes e sedutores (Harvey, 2013, p. 15).

A partir da captura do ser humano em um discurso que se diz entregar liberdade e outras coisas mais que levem o sujeito a uma vida melhor, o neoliberalismo passa a controlar, nos mínimos detalhes, os modos de vida em instituições, empresas, redes sociais e tantos outros lugares. Controle esse que se torna imperceptível para os mais leigos, onde estes estão submersos em uma realidade psíquica individual.

Por outro lado, este estilo de vida levado dentro de um mundo neoliberal acaba acarretando problemas, sejam eles psicológicos ou mesmo físicos, onde as pessoas são capturadas por diversos sintomas, e nesse aspecto também surge uma problemática. Um sintoma está relacionado a uma desordem que causa incomodo e nos tira de um padrão “normal” de vida, que acaba por nos incomodar e interferir em atividades laborais, sejam estas intelectuais ou braçais, por exemplo. Esses sintomas buscam resoluções de conflitos; buscam resolver demandas; buscam resolver algo que está fora do lugar (Pérrileux; Mendes, 2015; Freud, 2014).

Os sintomas, no mundo atual, surgem de forma sutil e muitas vezes são deixados de lado pelos indivíduos, pois a contemporaneidade não permite fraquezas diante do mundo acelerado. Esse mesmo sintoma que nos paralisa frente as atividades, é o mesmo que nos tenciona a buscar sua resolução, pois a presença deste nos alerta para algo que está fora do lugar, pois se coloca como “um mal-estar que se impõe a nós, além de nós, e nos interpela” (Nasio, 1992, p. 15).

Vale lembrar que “sofrimento não é sintoma, e sintoma não é mal-estar” (Dunker, 2015, p. 188), pois na atualidade, com um acesso infinito as informações através de vários dispositivos, as pessoas estão cada vez mais se autodiagnosticando e deixando de lado uma investigação mais profunda de seu sofrimento, que podem gerar diversas consequências - como psicopatologias e diversos outros transtornos.

Nesta sociedade atual, que é capitalista e antes de tudo consumista existe uma variedade de tecnologias, que são utilizadas em grade escala e de forma constante pela população. Antigamente, a utilização desses dispositivos era observada apenas pela minoria, por aqueles que tinham classe economicamente alta, já nos dias de hoje, a utilização de tais meios é comum, e independe de faixa etária ou situação econômica.

Além disso observa-se que durante a pandemia de Covid-19 e logo após a mesma, se intensificou o consumo e utilização de tecnologias digitais, pois através da internet é possível acessar muitas mídias sociais, que vão desde jogos eletrônicos, “entretenimento, facilidade em se comunicar e acessibilidade à informação” (Ciribele; Paiva; 2011, p.59). Conforme a Agência Brasil (2021), cerca de 83% da população brasileira possui acesso à internet, o que demonstra que 61,8 milhões de domicílios utilizam tais meios tecnológicos, o que faz com que o Brasil ocupe um ranking mundial em relação ao consumo. Ou seja, os usuários passam muitas horas do dia conectados nas tecnologias digitais.

Ademais, para se ter acesso a estas tecnologias digitais basta apenas um toque na tela do smartphone, tablet ou outros dispositivos, de forma simples e imediata. Aspectos estes que com a globalização elevam ao crescimento e a popularidade, sendo convidativos aos seres globalizados envoltos na polissemia de sentidos, e prazeres que estes espaços oferecem. Segundo Bauman (2001) a vivência moderna traz à tona um ser que está com sua subjetividade inerentemente sendo construída nos modelos e normas sociais atuais, visto que, o uso das tecnologias é um grande avanço nesta contemporaneidade, fazendo com que seja consumida em grande escala e a não aderência a tais meios passa a ser vista com estranheza pela sociedade. Pois, os modelos atuais induzem a utilização destes produtos.

Neste sentido, percebe-se que com a globalização e os avanços tecnológicos é notório o quanto se avançou durante os tempos, por exemplo, antigamente uma comunicação com pessoas distantes, só era possível através de cartas; o estudo, o trabalho ou consultas só existiam na modalidade presencial; os pagamentos só eram efetuados por cédulas; as fotos só eram tiradas por câmeras fotográficas, dentre tantos outros exemplos; as tecnologias possibilitaram quebra de barreiras na distância e facilidade para existir em um mundo digital com seres fragmentados em várias comunidades sociais e plataformas distintas.

Por outro lado, percebe-se um lado oposto da facilidade, embora estas tecnologias sirvam constantemente para estudo, trabalho, marketing e comunicação com milhares de pessoas, seu sucesso de utilização se dá pela interação humana, e não apenas “por conta da tecnologia, mas pelas intenções, vontades, afetos e conhecimentos compartilhados” (Martino, 2015, p.45), levando muitos usuários ao consumo excessivo ou utilização irresponsável das tecnologias digitais, o que acaba colaborando para o sofrimento psíquico deste Ser.

Alguns estudos apontam malefícios na utilização das telas, que vão desde alterações cerebrais, no que se refere a neurotransmissores, e ainda prejuízos que afetam a memória, a concentração e aprendizagem. Segundo Carr (2019, p.211) o preço desta utilização que muitas das vezes é desenfreada, acaba sendo um preço caro pago pelos utilizadores de tecnologias digitais, pois além da dependência a estas tecnologias, as mesmas exercem “o poder de amplificar ou entorpecer as mais humanas de nossas capacidades naturais - aquelas ligadas à razão, percepção, memória e emoções”. Embora atrativas e sem danos perceptíveis aparentes, estas tecnologias atuais interferem em danos voltados ao funcionamento cerebral.

Além disso, se percebe que nestes espaços digitais, cada comunidade dispõe de sua cultura e política, para atrair usuários em comum, fazendo com que os mesmos se sintam pertencentes destes espaços. Se citarmos o Instagram como exemplo, sua política está atrelada a marcadores socioculturais que instituem padrões e ideias de beleza, comportamentos idealizados e felizes, que mostram pelos feeds uma “realidade perfeita” e sem espaços para tristeza, e quando surgem opiniões contrárias, logo são postas em cancelamento.

Estes atravessamentos muitas das vezes, podem somar a quadros psicopatológicos de depressão, ansiedade, estresse, condutas autoagressivas e autolesivas. Os quadros de depressão e ansiedade são cada vez mais pontuados nestes espaços de vivência, e são “doenças conhecidas como o “Mal do Século” e o número de suicídios aumenta” (Rocha; Carvalho, 2020, p.27).

Muitos dos utilizadores desde sistema se encontram fragmentados não só em uma tecnologia digital ou rede social, e sim em várias, o que proporciona uma fragilidade de identidade, um empobrecimento de vínculos afetivos e sociais, e um despertecimento de seu próprio Eu real para um criado virtualmente, em consequência disso, “podem levar a falsas conclusões sobre as qualidades físicas, sociais e morais, de outros utilizadores, o que pode levar um utilizador a comparar-se constantemente com outros” (Fidalgo, 2018, p.35).

Fidalgo (2018) ainda ressalta que tais vivências colaboram ou agravam o humor dos utilizadores, o que acaba explicando o comportamento online de cada indivíduo com os outros nestes espaços, pois nem tudo exposto nas telas tende a ser real, o que demonstra ao público que acompanha tal indivíduo a falsas informações sobre sua vida, gerando assim no utilizador sofrimento psíquico, do que seria ideal para si.

Em relação a isso, muitas são as formas de sofrimento que podem ser vivenciadas nestes espaços tecnológicos populares, e observando este ser em sua dimensão biopsicossocial, sofrimentos são vistos tanto no social, biológico e psicológico. O que se torna importante pontuar acerca de reflexões quanto ao uso destes meios, pois ainda hoje como Carr (2019) conclui em seus estudos, a utilização ainda é alienada, fazendo com que muitos não percebam que se encontram submersos nestes meios e quais os verdadeiros prejuízos, e quando por fim são percebidos é quando danos graves já foram instalados.

Sendo assim se pensarmos nesta contemporaneidade, e as formas de vivência da população, compreende-se uma sociedade imediata, capitalista e que já se expõe de forma voluntária, sem qualquer manifestação ou coerção, os seres humanos postam nestes espaços, todos os tipos de dados e informações pessoais sem avaliar posteriormente as consequências (Han, 2020). O que potencializa mais e mais o acesso a estes meios tecnológicos, a priori este é o intuito destas ferramentas, só que o ser humano influenciado não só utiliza as tecnologias como objeto, mas como uma extensão do seu próprio corpo e identidade.

Mas, saindo deste meio digital e vivenciando a realidade sem filtros muitos dos utilizadores podem ter sofrimento psíquico ou até agravos de sintomas já pré-dispostos de transtornos mentais. Ou seja, a facilidade que se aplica ao uso destes meios digitais e a “felicidade perfeita” imposta nestes espaços, colaboram para um adoecimento existencial, capaz de “criar um terreno fértil para o desenvolvimento das qualidades e problemas que já existem nos indivíduos e na sociedade” (Martino, 2015, p.45).

Portanto, cabe a cada um dos usuários verificar sua vivência neste meio digital, e perceber o quanto a mesma pode estar lhe causando adoecimento, visto que, são muitos os prejuízos que são observados, sofrimentos que são a cada dia mais atuais em nossa sociedade e que acabam por prejudicar o bem-estar de muitas pessoas, merecendo atenção e conscientização quanto ao uso (Gomes et al., 2016). Partindo destas reflexões quanto ao sofrimento despertado através das tecnologias, é possível se buscar estratégias mais saudáveis de acesso, e possibilitar que em um futuro ainda próximo tais tecnologias possam servir apenas com suas vantagens e não como geradoras de sofrimento psíquico.

CONCLUSÃO

O sujeito submerso em meio a polissemia de sentidos, estimulações excessivas e cobranças inalcançáveis, fadiga, vazio e falta de sentidos, aparece nas relações atuais com identidades frágeis, demonstrando uma modalidade subjetiva de caráter individualizado, esteticista e superficial. Pois, ao contrário do período moderno em que o Ser era visto como produtor de sentimentos confusos, subordinado de ideias modernas, racional e reflexivo, o Ser atual se vê diante de muitas variáveis estimulantes, como tecnologias, padrões de estética, novas configurações de vivência e liberdade, que possibilitam a busca incansável por prazeres.

Muitas das facilidades impostas através da internet, por meio da pesquisa ao Google levam os utilizadores a buscar respostas prontas e automáticas, sejam para diagnóstico de sintomas que estejam sentido, o famoso Dr. Google; seja para fugir de sua realidade e buscar alívio em jogos online, onde muitas das vezes perdem dinheiro de forma excessiva problematizando ainda mais seu estado econômico; e outros observam de forma excessiva e

compulsiva a vida de famosos, para se buscar dietas, modas e viagens na tentativa de seguir tais padrões de beleza e comportamentos.

Dessa forma, o que vemos na atualidade é um esquecimento do Ser, como apontado por Martin Heidegger, no sentido de se afastar do sofrimento e buscar soluções rápidas e pouca eficazes, pois uma espécie de cura não se constrói de maneira, haja vista o sofrimento, principalmente psíquico, é de uma complexidade enorme. O mundo contemporâneo está preso é uma repetição eterna que sobrepuja o sofrimento humano a favor da produção neoliberal. Devemos continuar atentos e fazer ressoar o que Sigmund Freud disse sobre o Mal-estar na civilização, onde aponta que a felicidade é inalcançável, mas que devemos buscar paliativos para suportar a realidade.

Por conseguinte, é importante o papel que a psicologia, a psicanálise, o existencialismo, a fenomenologia, tem nesse emaranhando, onde é preciso buscar formas não só de alertar as pessoas, mas ser cada vez mais incisivo nessas questões, mostrando como a fuga do conflito e do sofrimento só vai gerar mais problemas, e que a melhor saída é lidar com essas coisas de frente, enfrentando e fazendo laço com seu sofrimento. É mais do que válido continuar elaborando esses pontos para que a população possa se lembrar do seu Ser e lidar com seus conflitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. **Estudo mostra que pandemia intensificou uso das tecnologias digitais.** Agência Brasil, Rio de Janeiro, 2021. Disponível: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>. Acesso em: 30/09/2024.

ARAÚJO, R. C. B. **O sofrimento psíquico na pós-modernidade: uma discussão acerca dos sintomas atuais na clínica psicológica.** 2010. Trabalho de conclusão de curso (Pós-Graduação em Psicologia Clínica) - 2010, Faculdade Santo Agostinho - Teresina, Piauí.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARR, N. **A Geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros.** Editora Agir, 2019.

CECCARELLI, P. **O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.

CHERUBINI, K. G. **Modelos históricos de compreensão da loucura: Da Antigüidade Clássica a Philippe Pinel.** Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 1135, 10 ago. 2006. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8777>>

CIRIBELI, J.P. PAIVA, V.H.P. **Redes e mídias sociais na internet: realidade e perspectivas de um mundo conectado.** Revista Mediação. 2011; 13(17).

COOCO, R. **A questão da técnica em Martin Heidegger.** Controvérsia - v.2, n.1, p. 34-54 (jan-jun 2006).

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros** - 1º ed. - São Paulo: Boi tempo, 2015. (Estado de sítio)

DUNKER, C. **Uma biografia da depressão**. São Paulo, editora Planeta, 2021.

FIDALGO, J.M.P. **O impacto das redes sociais na saúde mental dos jovens**. Trabalho final Mestrado integrado em medicina, Faculdade de Medicina Lisboa, 2018.

CRESPO, L. F. “A CIÊNCIA NÃO PENSA” . Eleuthería - Revista do Mestrado Profissional em Filosofia da UFMS, v. 2, n. 2, p. 46 - 63, 20 ago. 2017.

FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução Claudia Dombusch - 2ª edição; 4ª reimpressão - Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, S. **Obras completas, volume 17: inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução Paulo César de Souza. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das letras, 2014.

FURTADO, M. A. *O lugar do sofrimento na cultura contemporânea: patologização do mal estar e medicalização da vida*. 2014. 210 páginas. Tese (Doutorado). Programa de estudos interdisciplinares de comunidades e ecologia social. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2014.

KEHL, M. O homem moderno, o desamparo e o apelo a uma ética. In: **Sobre ética e psicanálise** (pp. 39-75). São Paulo: Companhia das letras, 2002.

GOMES, M.G.D.S; GOMES, G.D.S; SILVA, A.G.D. **Uso excessivo do celular pode causar doenças em adolescentes?** X Colóquio Internacional: educação e contemporaneidade, Faculdade Federal de Sergipe, 2016. Disponível: https://anais.educonse.com.br/2016/uso_excessivo_do_celular_pode_causar_doencas_em_adolescentes.pdf. Acesso: 28/08/2023.

GOULART, S. M. S. **Modos de Vida no Contemporâneo: sofrimento, compulsão e tédio**. 1º Edição. Rio de Janeiro: IFEN, 2021.

HAN, B.C. **Psicopolítica - o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Editora Âyiné, Belo Horizonte, 2020.

HAN, B. C. **Sociedade do Cansaço**. 2º Edição Ampliada. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARVEY, D. **O Neoliberalismo: história e implicações**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

KLAJNMAN, D. L.; COSTA, M. (2022) **A hipermodernidade como paroxismo da modernidade: Algumas considerações sobre o sofrimento psíquico a partir da psicanálise**. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XIV, no. 1.), pp. 29-42.

LIRA, A. KUBRSSLY, R. **Heidegger e a noção de Gestell na Crítica à Tecnologia**. Revista Scientiarum História, 2018, v.1: e212.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla. 2004.

MARTINO, L.M.S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2.ed - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MATTAR, Crisntine Monteiro. **Depressão: ou fenômeno epocal?** 1° Edição. Rio de Janeiro: Via Verita, 2020. 168p.; 21 cm.

MORAIS, A. M. LACERDA JUNIOR, F. **Ideologia, individualismo e psicologia: o modo de produção capitalista e a experiência subjetiva**. *Teoría y Crítica de la Psicología* 12 (2019), 163-184. Acesso em 02 de Out. de 2023 > <http://www.teocripsi.com/ojs/> (ISSN: 2116-3480).

NASCIMENTO, Í. **Técnica e capital: uma breve crítica da gestell heideggeriana a partir de Baudrillard**. *Perspectiva Filosófica*, vol. 49, n. 3, 2022 - Edição comemorativa de 30 anos.

NASIO, J. D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

PÉRILLEUX, T. MENDES, A. M. **O enigma dos sintomas: proposição para uma escuta psicanalítica e política do sofrimento no trabalho**. *Revista Trivium Est. Interd.* Ano VII, Ed.1-2015, p.61-73. Acesso em 04 de Out. de 2023 > <http://dx.doi.org/10.18370/2176-4891.2015v1p61>

ROCHA, I; CARVALHO, V. **Filhos da Geração Z**. In: ROSADO, A.C; LACERDA, L. (org.), **Redes sociais as faces do bem e do mal**. Rio de Janeiro: Facha, 2020, p.27.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *World Mental Health Report: Transforming mental health for all World Health Organization*. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/356119/9789240049338-eng.pdf?sequence=1>>.

Autor correspondente:

Dannilo Jorge Escorcio Halabe

E-mail: dannilo.halabe@edufor.edu.br

Conflitos de interesse:

Não há.